

WILL: Então a gente queria agradecer primeiramente o senhor, né por ter aceitado participar do projeto. E aí a gente vai fazer umas perguntas e o senhor se sente livre para responder. Conte-me quem é o senhor? Onde o senhor nasceu? Qual a sua idade?

BABA ANTÔNIO: Tá, meu nome é Antônio Carlos Carvalho Machado. Eu sou natural do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, mas eu vim para cá muito cedo, com 11 anos de idade, eu vim para cá, então vivi a vida inteira aqui, né? Sou de lá, venho de lá já... quando morava lá, meu pai e minha mãe já eram da Umbanda lá no Rio Grande do Sul, Umbanda de ervas, né? Já eram da religião Umbanda. E eu cresci ali nesse meio, cresci a vida inteira ali. É a religião que eu assumi na minha vida. Hoje nós somos 4 filhos e só eu segui, né? E passei pro Candomblé. Por... não foi uma opção, assim, que eu quis, escolhi passar, não. Foi uma necessidade de passar. Passei. E aí conheci a minha Mãe de Santo, que era *Catuleui* Marlene Teles, que vocês vão encontrar esse nome por aí. Esposa do Pai Teles, que também era de Almas de Angola. Conheci muito novo e fui para casa dela, ficava lá porque eu tinha uma tia que entrou na casa quando eu tinha 14 anos. E fiquei lá acompanhando, acompanhando e foi indo. Até que chegou a necessidade de eu ter que ingressar pra religião, mas isso foi bem mais tarde... e aí ingressei na religião, tudo e fui indo. Fui fazendo as situações com ela, fui fazendo as situações, as obrigações, feitura, a iniciação. Aí ela plantou toda a minha casa. É ela que plantou, ela que plantou Exu, plantou toda a casa e em seguida ela faleceu. E eu não estava totalmente pronto, não estava totalmente pronto, precisava mais uma obrigação e aí eu fui atrás do Pai Leco que era a mesma nação, a mesma folha, tudo igual. E aí conheci o Pai Leco, foi um amigão, veio para minha casa, deu a minha obrigação, arrumou o que precisava arrumar, botar mais em dia, né? E aí seguimos... Ele me acompanhou enquanto pode, assim né me ensinando muita coisa. Porque a minha Mãe Santo também partiu muito cedo, né? E fiquei meio assim, um bom tempo sem ninguém até encontrar o Pai Leco e fazer as obrigações com ele. Aí depois do Pai Leco, comecei a frequentar, fui aprendendo lá, fui vendo, ele ia lá na minha casa, ele sempre que tomava conta lá da minha casa, tudo ele que fazia. E aí ele veio a falecer. Aí quando ele veio a falecer, o que aconteceu, meus irmãos de santo vieram para minha casa, aí a casa foi se tornando... Como é que eu vou te dizer assim...

como se fosse a casa lá, entendeu? Do Pai Leco, porque era tudo, tudo em função dele, os filhos de santo também eram dele, meus irmãos de santo vieram para minha casa e a gente vem tocando isso, né? A casa do Pai Leco, ela foi para o Ministério Público para ser tombada como patrimônio artístico e religioso, artístico não... cultural e religioso, e foi para tombamento. Está no Ministério Público, eu acho que ainda não foi resolvido. No Ministério Público interditaram tudo, né? Ninguém pode mexer, nem a família, não pode, nem os filhos de santo. Aí o que é que aconteceu, a casa está se deteriorando, né? Mas está lá. Depois de um tempo que ele faleceu, uma das filhas dele, carnal né, me chamou porque tinha num caderno dele, ele contando sobre a minha feitura, como é que foi a minha feitura quando ele veio para minha casa para fazer a minha feitura. Porque o meu Santo foi feito pela minha primeira Mãe de Santo. E aí a gente cultua 3 orixás, cada pessoa, né? Pela nossa nação. Quando eu cheguei lá na casa dele, os mesmos 3 meus eram os mesmos 3 dele, na mesma ordem. A sequência era a mesma. Aí ele ficou “bah” né? Porque era uma coincidência bem grande. E aí ele conta tudo. E aí no final desse texto que ele deixou lá, ele pediu para que eu fosse a continuidade dele espiritual. Isso está escrito pela letra dele, assinada por ele, que virou um documento que está no Ministério Público, pedindo que eu fosse a continuação espiritual da vida dele, né? Aí vieram todos os filhos dele e a gente está aqui, estamos tentando fazer o melhor pela Angola. A nossa Nação Angola.

WILL: Eu ia perguntar isso, é Nação Angola?

BABA ANTÔNIO

Angola, Angola Tumba Junçara.

WILL: O senhor falou que fez essa mudança pro Candomblé. Foi em que momento?

BABA ANTÔNIO: Quando eu tinha o quê? Eu nunca sei a data direito, mas eu tinha uns 25, 26 anos, eu acho. Que eu ingressei de cabeça no Candomblé, e estamos aí até hoje com 63, ha um bom tempinho.

WILL: E essa mudança foi com a Mãe Marlene?

BABA ANTÔNIO: Foi com a Mãe Marlene. Primeiro Candomblé que eu conheci foi com ela. Porque ela que fez todo meu santo, todo enredo do meu santo, tudo. Que coincidentemente era o mesmo dele né. E foi com ela.

WILL: E sobre o Pai Leco, acho que é importante a gente colocar, porque foi inclusive um dos pontos que trouxe a gente a falar com o senhor. Para o senhor descrever assim, como era o Pai Leco?

BABA ANTÔNIO: Tipo assim ó, eu só posso falar por mim né? Em relação ao Pai Leco, eu só posso falar por mim. Ele foi uma pessoa muito e foi muito meu amigo na época que eu cheguei lá, porque eu já tinha minha casa, era da mesma nação, tinha o mesmo santo que ele, tinha todas essas peculiaridades assim. E já tinha minha casa aberta, né? Só que precisava finalizar a situação e ele veio e fez pra mim. No final, hoje se eu tenho cargo Tata D'nkisi, que na nossa Nação é assim, porque ele me deu, que está na UNIAFRO, né? Naquele documento lá na UNIAFRO. E ele é uma pessoa maravilhosa, maravilhosa. Foi meu amigo sempre. Por mais assim ele tenha tido defeito na vida dele, como todos nós temos, né? Eu sou uma pessoa que eu não posso dizer que comigo ele teve alguma falha, alguma coisa, não, ele foi maravilhoso. Eu não tinha condições. Até encontrá-lo, eu ficava fechado dentro da minha casa de santo, né? Porque eu não tinha condições de abrir, porque não tinha tudo pronto, né? Aí ele veio, ele abriu, me ensinou, me passou algumas coisas, me passou os filhos, sabe? Então, para mim, ele sempre foi maravilhoso, uma pessoa maravilhosa, um amigo assim, né? Muito amigo o que ele pode me passar de bom ele me passou.

WILL: E esse primeiro espaço que o senhor teve, não era aqui?

BABA ANTÔNIO: Não era aqui, era lá no Flor de Nápolis, ali do lado da Forquilha. Aí cresceu muito no inesperado assim, sabe? Até porque meus irmãos de santo vieram todos e a coisa foi crescendo, crescendo e era uma casa só, era a minha casa. Aí o espaço ficou pequeno. Então aí eu preferi sair, procurar um espaço para dividir bem a minha vida, a minha casa das coisas de santo, né? E aqui a gente está há 10 anos.

WILL: Ai pensando nesse espaço atual né, pensar um pouco a história desse espaço atual... Qual o nome assim, se o senhor puder falar um pouco, né? O nome da casa...

BABA ANTÔNIO: Nome da casa, Abassá de Gongobira, Nação Tumba Junçara, Nação Angola. E nós estamos aqui hoje, só vivemos em função desse Candomblé. Nós tínhamos a Umbanda, aquela Umbanda lá, porque eu fui feito, voltei a Porto Alegre, fiz tudo que eu tinha que fazer lá dentro da religião do meu pai e da minha mãe. Fiz tudo, cumpri tudo que eu tinha que cumprir lá, também lá eu tenho o cargo de diretor espiritual.

WILL: E aí acontece toda semana?

BABA ANTÔNIO: Ó, a gente tem datas comemorativas no Candomblé que a gente faz os Xirê, né? Que a gente chama de Orixá. Então a gente faz, por exemplo, lemanjá, faz Oxóssi... Todas as datas assim, isso nos preenche o ano inteiro, porque tem poucas ocasiões que a gente faz um Xirê. Ah, e tem a saída dos filhos, que durante o ano vão fazendo santo, vão fazendo obrigação e aí tem a saída. Aí a gente tem segundas-feiras, a gente tem todo o movimento da casa para Exu, que a gente tem que cuidar, arrumar toda a casa para Exu, às quartas-feiras a gente faz toda a casa para todos os Orixás. Temos uma sessão de desenvolvimento às quartas-feiras e palestras durante a quarta-feira para tirar dúvidas dos iniciantes que estão começando porque tem bastante também. E normalmente aos sábados é que tem os xirês de Orixás ou de Exu também.

WILL: Perfeito. A escolha do local aqui, tipo desse espaço pra sua casa, como que foi esse processo assim?

BABA ANTÔNIO; Bom, foi assim, eu vendi a casa lá e saí procurando uma casa pra comprar que desse pra fazer tudo isso. a rua pra subir é uma lomba bem subida, bem complicada, né? E até as pessoas perguntam, ah, você vai ficar com essa casa aí? Porque é um lugar meio assim...É um lugar exato, um lugar exato. Não adianta

eu querer ir pra beira-mar norte lá, querer botar um terreiro lá. Casa de santo é na comunidade, né? Sempre é na comunidade, porque a gente é melhor aceito, a gente consegue fazer parte da comunidade. Hoje a gente faz parte da comunidade aqui eu não tenho problema nenhum e de forma alguma, nem com horário, nem com barulho, nem com movimento, nem com nada me incomodo.

WILL: É, essa é um pouco... Eu tenho uma pergunta, inclusive, que é como essa relação da casa com a comunidade?

BABA ANTÔNIO: Assim é, temos uma relação bem legal assim, né? Ah, eu ando na rua, ali eu saio na rua, é "Pai toninho, Pai toninho", é um respeito muito legal. A gente faz dia da criança, a gente faz com eles, né, com pessoal, Natal a gente procura fazer também com eles daqui da rua mesmo, né? E Páscoa, todas essas datas festivas assim com as crianças a gente procura fazer. Tivemos já intenção de pôr aqui dança, coisa é, atividade para as crianças, né? Tivemos um período que tivemos essas atividades, tivemos que parar um pouco porque o pessoal daí que estava ajudando a manter, porque eu trabalho fora, tem que ter o pessoal que possa se disponibilizar para manter, para vir cuidar, para fazer, arrumar. As pessoas tiveram que tomar conta da vida e aí não deu, né? Mas é sempre a intenção de estar bem com a comunidade.

WILL: E aí pensando, e pegando isso que você falou. Eu acho interessante abrir a casa e trazer essas essas questões para a comunidade, né? É de que forma, assim, pensando a questão do terreiro enquanto espaço religioso dentro de uma comunidade de um e de uma sociedade, né? Conversa com a questão do Estado, por exemplo, prefeitura, enfim, Câmara e Senado. Como que é, se há esse diálogo, se há essa abertura? E, principalmente, por exemplo, questões assim de abrir o espaço, enquanto espaço também cultural, né?

BABA ANTÔNIO: É. Meio complicado assim, ó, porque tem a questão política, aí o que que acontece? Tem uma divisão política dentro da religião. Cada pessoa tem o seu conceito, a sua visão política, nem todos vão no mesmo barco, não é? Então quer dizer assim, eu prefiro ficar afastado e cuidar daqui da casa, receber as

crianças, a gente mantém, a gente faz o lanche, a gente procura é... como é que se diz... manter isso sem contato nenhum com a política, porque daí já vão querer que eu faça... tome uma posição dentro do terreiro. Não vou tomar porque aquilo ali é a minha religião, é a minha devoção. Não é um cabide político, não. Eu tenho meu trabalho, eu trabalho fora, não quero um cabide político, não quero, não quero. A minha religião é minha devoção, entendeu? É a minha devoção, não misturo por nada. Essa eu acho que é a principal linha que eu tenho que seguir, que me interessa dentro da religião? É a minha devoção, é a minha fé, que isso veio de berço, porque lá no Rio Grande do Sul, quando eu nasci, meu pai e minha mãe já eram dentro de uma religião de matriz africana que não deixa de ser, né? E sempre naquela linha, assim como devoção, como minha religião. Então, a partir que tu abre um espaço pra por política no meio já começa a tomar um outro rumo que eu tenho medo, não preciso. Como me perguntaram, “qual é o Instagram da sua casa que não sei o que”, não tenho, não tenho. Nós temos Facebook da casa, eu acho que é o face, que é restrito só para nós, não tem, não vai me trazer... o que que vai me adiantar a casa ter um Instagram? Não beneficia em nada, muito pelo contrário, pode arrumar uma complicação, ainda, posta uma errada... Tem que ter mais um cuidado que tem que ter, porque tem coisas que eu acho que é que hoje estão postando muito da religião que tão quebrando aquela magia da religião, tu não tem mais é, a pessoa chega dentro da religião, já chega sabendo mil coisas que é segredo, que é coisa nosso sagrado, né? E hoje não está passando, não vejo não. Então prefiro cuidar da minha casa, da minha religião, como a minha devoção, como minha fé, como a minha religião. Não tenho mistura assim. Com a comunidade, sim, a gente sim, tem tudo aqui, mas não assim como política. Já tive situações, tive reuniões políticas, já vieram e nenhum deles tu sabe onde é que tá. Nenhum deles, nenhum deles, todos sumiram, todos foram, todos, nenhum político daqueles que vieram, fizeram, prometeram e não...

WILL: É, então pensando também um pouco da questão, enfim, você falou que tem mais de 80 membros né? Existe diversidade entre essas pessoas. Assim, é tipo pessoas LGBT?

BABA ANTÔNIO: Totalmente, não tem como não ser né? Cor, raça, altura, tudo. Tudo. Nossa religião é uma religião de acolhimento, né? Acolhimento a gente tem

que acolher, receber as pessoas, tratar bem, tratar com carinho. Essa situação de ser chamado de Pai de Santo é uma coisa muito séria no meu ponto de vista. Eu tenho filhos de santo aqui que tem netos, são avós, tem netos vários, né? Eles vem se abaixam para pedir a benção, beijar minha mão, pedir a benção, tudo isso... É muito importante mexer com a fé, cuidar da fé das pessoas, né? Entendeu? Então assim é, tem que haver esse acolhimento, não interessa nada, nada para nós, o que interessa é um ser humano, a pessoa. Que em determinado momento está precisando de alguma situação, às vezes, muitas vezes é só um desabafo, uma situação assim não precisa nem essa coisa, sabe? Não existe diferença nenhuma.

WILL: E aí é quando você falou, né, é um pouco, sobre ser Pai de Santo, né? Aí tem uma pergunta específica que é, o que o senhor na sua trajetória, dentro da região, na sua caminhada, o que que é ser um Pai de Santo na grande Florianópolis? Em específico aqui em São José?

BABA ANTÔNIO: Eu acho que é uma situação assim, ó, que não muda, independente. O que vai mudar é a cabeça de cada um, né? Não muda, é isso, é tu ter respeito pelo filho que está pela pessoa que está precisando de ti ali, te doar, ser amigo, entendeu? Porque eu acho muito difícil chamar alguém de pai, que não tenha sido meu pai carnal, acho muito difícil. Tem que ser uma pessoa muito querida, uma pessoa muito legal, uma pessoa muito transparente, entendeu? Uma pessoa que realmente tenha esse vínculo com a religião, entende? Como devoção, como fé, como a religião. Aqui nós não fizemos o comércio da religião, não cobramos nada, é por devoção que a gente mantém a casa, tudo assim. Tem que ser, tem que ser assim, mas em todo lugar. Porque não é aqui em Florianópolis, em qualquer lugar que tu for, tudo tem que ter a mesma postura. Tem que ser a mesma pessoa, tem que ser o mesmo Pai de Santo.

WILL: Quais os momentos mais marcantes? Assim, que envolveu o terreiro.... Assim, você lembra?

BABA ANTÔNIO: Teve vários momentos da... quando a minha Mãe de Santo, primeiro a Mãe de Santo... tu vai precisar fazer uma situação lá no teu portão, vai ter que botar uma canjira pequenininha lá e não sei o quê, vamos fazer, né? Que a

gente sempre obedece. Dali chegamos aqui, por causa daquilo lá. Então aquele foi um momento que foi o começo de tudo e eu não tava sabendo de nada, não é não, não tinha essa não, não tinha pretensão, não tinha, não sabia onde é que ia chegar. E depois, outro momento, foi quando o Pai Leco foi para minha casa que o Pai Leco me fez Tata D'nkisi, me deu todos os axés todas as ferramentas que eu precisava, me passou tudo para que eu fosse Tata D'nkisi né? Então eu acho que esses foram os momentos mais assim inesquecível... porque foi o começo e o outro recomeço, né? Porque o primeiro começo lá, com a Mãe Marlene, foi o pontapé inicial e depois ele veio e deixou tudo pronto. Foram dois momentos assim maravilhosos e aqui a gente está com a casa depois cada filho de santo é uma coisa maravilhosa, né? Tu participar do nascimento de um Nkisi, de um Orixá, participar disso, fazer parte disso é maravilhoso. É toda vez assim, é maravilhoso. Quando tu vê aquele terreiro cheio, as pessoas ali, essas pessoas estão contigo, essas pessoas estão te ajudando da mesma casa, a em nome do teu Orixá do mesmo Nkisi, , né? Então é maravilhoso, com essas situações assim sempre deixam a gente bem feliz na caminhada da gente.

WILL: O senhor gostaria de compartilhar algo? É, algo mais além do que o senhor colocou? Assim, se tem algo que gostaria de falar, um comentário.

BABA ANTÔNIO: Um comentário, eu acho assim... Ah, eu me sinto muito agradecido, né? A todo a minha espiritualidade, me sinto dentro da religião assim, ó, tenho grandes amigos dentro da religião na grande Florianópolis, tenho grandes amigos. Os meus filhos são maravilhosos, não é? São assim, maravilhosos, maravilhosos, estão sempre juntos, sempre com a gente. E essa união que a gente consegue aqui eu acho que é importante, porque é uma passagem... Como o Pai Leco fez a passagem dele e nos deixou muita coisa. Então a gente tá fazendo a nossa e com bastante amigos, com bastante filhos tão maravilhosos. Eu acho que isso aí é uma situação que eu gostaria sempre, vou lembrar, sempre vou respeitar isso. Meu caminhar é dentro da religião, né? Com as pessoas todas que estão ligadas a casa, a mim. E qual era a outra pergunta?

WILL: E a última é, por que o senhor aceitou participar do nosso projeto?

BABA ANTÔNIO: Uma obrigação quando me falaram que seria referente a um projeto que vem querendo falar do Pai Leco, resgatar coisas sobre o Pai Leco e sobre a religião, é uma obrigação. Eu não posso me esconder, né? Não posso me negar porque tenho que falar. Como eu falei antes, o Pai Leco me trouxe muita coisa boa, foi maravilhoso comigo. Tenho obrigação de recebê-los e por tudo, pela casa, por tudo. A gente tem a obrigação de levar em frente, né?